

# Formação Inicial e Continuada de Professores: da Teoria à Prática

Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)



# Formação Inicial e Continuada de Professores: da Teoria à Prática

Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)



2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
F723	Formação inicial e continuada de professores [recurso eletrônico] : da teoria à prática / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-844-1 DOI 10.22533/at.ed.441191912  1. Educação. 2. Prática de ensino. 3. Professores – Formação. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza.  CDD 370.71
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

“Vamos compreender a vida, não necessariamente como a repetição diária das coisas, mas como um esforço para criar e recriar, e como um esforço de rebeldia, também. Vamos tomar nas mãos nossa alienação e perguntar: “Porquê?”, “Isso tem que ser desse modo?”. (...) E para sermos sujeitos, precisamos indiscutivelmente examinar a história criticamente. Como participantes ativos e verdadeiros sujeitos, podemos fazer a história apenas se continuamente formos críticos de nossas próprias vidas.” (Paulo Freire)

O debate sobre a relação teoria e prática é uma questão importante para o campo da formação inicial e continuada de professores. Esta relação já foi tratada por importantes filósofos como Gramsci (1978), Adorno (1995), Vázquez (1977), Saviani (2007) e por numerosos estudiosos da área da educação, que se dedicaram a compreender a natureza, os limites e possibilidades dessa relação que se refere ao modo como os homens pensam e agem sobre todas as coisas.

A categoria formação é muito importante para se pensar a formação inicial e continuada de professores, assim, nos artigos que compõe esta obra busca-se uma melhor compreensão deste tema na sociedade contemporânea. a formação humana é tida como incompleta, fundamentada na barbárie e impregnada por conceitos ideológicos, além disso, há uma simplificação ou redução do conhecimento. Adorno (2005) enfatiza, por conseguinte, o papel da educação na formação da consciência crítica. Em suas análises sobre o sistema educacional contemporâneo, o autor mostra que o problema da semiformação tem contribuído para a propagação de um ensino superficial, medíocre, acrítico e empobrecido de experiências formativas.

É importante ressaltar que a base da formação inicial e continuada de professores pressupõe tanto conhecimentos teóricos quanto práticos. Assim, não se pode atribuir a primazia da prática sobre a teoria ou vice-versa. O binômio teoria e prática possibilita ao homem agir de forma consciente na concretização de todas as suas ações. Ao isolar a teoria da prática ou a prática da teoria, o homem é destituído de sua capacidade de agir de forma consciente, é impossibilitado de compreender os condicionamentos que o determinam, é privado da possibilidade de (re)construir sua realidade.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E O MODELO COGNITIVO-INTERACIONISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CRIANÇAS E PROFESSORES EM FOCO	
Débora da Silva Cardoso Elcie F. Salzano Masini	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4411919121</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>17</b>
DA FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA NO ENSINO DA MATEMÁTICA LÚDICO CRIATIVO	
Jaqueline Rodrigues Gonzaga Cassiano Rosa Neto Soraia Abud Ibrahim	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4411919122</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>19</b>
A PRÁTICA DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL POR MEIO DO BOLETIM INFORMATIVO DE LETRAS- BIL	
Zélia Ramona Nolasco dos Santos Freire	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4411919123</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>26</b>
FORMAÇÃO CONTINUADA: O QUE DIZEM OS PROFESSORES DE FILOSOFIA	
Alvino Moraes de Amorim Tiago Bacciotti Moreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4411919124</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>40</b>
FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DO PEDAGOGO: DA TEORIA À PRÁTICA	
Maria Lucia Morrone	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4411919125</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>50</b>
ESTRATÉGIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA FORMAÇÃO DE INSTRUTOR, PARA QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL INICIAL DE AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Ana Carla Tamisari Pereira Ednéia Albino Nunes Cerchiari	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4411919126</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>59</b>
FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES E A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE NARRADA EM MEMORIAIS	
Vanessa Suligo Araújo Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4411919127</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>72</b>
A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES NO MUNICÍPIO DE CAARAPÓ, MATO GROSSO DO SUL	
<a href="#">Angela Hess Gumieiro</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4411919128</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>81</b>
A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE INGLÊS NA REGIÃO DE FRONTEIRAS LATINAS E A INVESTIGAÇÃO DE CRENÇAS	
<a href="#">Graziela Barp</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4411919129</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>91</b>
FORMAR-SE PARA FORMAR: APROPRIANDO-SE DO MODELO DE ENSINO HÍBRIDO PARA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES EM SERVIÇO	
<a href="#">Mariane Regina Kraviski</a> <a href="#">Dinamara Pereira Machado</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.44119191210</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>99</b>
LA SUPERVISIÓN ESCOLAR: DEL ABANDONO A LA SALVACIÓN, EN LA PARADOJA DE LAS AUTONOMÍAS DIRIGIDAS	
<a href="#">Maria de La Luz Jimenez Lozano</a> <a href="#">Juan Manuel Caballero Arriaga</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.44119191211</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>115</b>
LA TRÍADA FORMATIVA DE PRÁCTICA PEDAGÓGICA: ¿CÓMO AVANZAR A ESPACIOS DE DESARROLLO PROFESIONAL GENERADOS MEDIANTE REFLEXIÓN?	
<a href="#">Carlos Vanegas Ortega</a> <a href="#">Rodrigo Fuentealba Jara</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.44119191212</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>129</b>
IDENTIDADES DOCENTES E CULTURAS PROFISSIONAIS: ANÁLISE DE DISCURSO DE NARRATIVAS TEXTUAIS DE ESTUDANTES DO CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS DA NATUREZA (EACH/USP)	
<a href="#">Luciana Maria Viviani</a> <a href="#">Verónica Marcela Guridi</a> <a href="#">Elen Cristina Faht</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.44119191213</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>142</b>
DO ESPAÇO VIVIDO AO SABER CARTOGRÁFICO – ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
<a href="#">Daniel Fernando Matsuzaki da Silva</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.44119191214</b>	

**CAPÍTULO 15 ..... 155**

**MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) :  
DESAFIOS E POSSIBILIDADES**

Débora Cristina Fonseca  
Priscila Carla Cardoso  
Thaís de Melo Muniz

**DOI 10.22533/at.ed.44119191215**

**CAPÍTULO 16 ..... 179**

**MEMÓRIAS E SENTIDOS EDUCACIONAIS: VERDADES/MENTIRAS? POR UMA  
TEOLOGIA DA VIDA**

Adma Cristhina Salles de Oliveira  
Luiz Augusto Passos

**DOI 10.22533/at.ed.44119191216**

**CAPÍTULO 17 ..... 193**

**O FIO DA HISTÓRIA – NAS TRILHAS DE OURO PRETO DO OESTE-RO. VITRAIS  
DA MEMÓRIA DE PROFESSORES E ESCOLAS**

Ivone Goulart Lopes  
Alois Andrade de Oliveira  
Hildebrando Neto Pinheiro  
Devanir Aparecido dos Santos  
Miriam Alves dos Santos  
Walter Claudino da Silva Junior  
Priscila Alves Vieira

**DOI 10.22533/at.ed.44119191217**

**CAPÍTULO 18 ..... 204**

**O QUE APRENDI COMO FORMADORA DE PROFESSORES: MEMORIAL  
DESCRITIVO**

Ana Dallagassa Rossetin

**DOI 10.22533/at.ed.44119191218**

**CAPÍTULO 19 ..... 206**

**PRÁTICAS DOCENTES DO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO NO BRASIL: DESAFIOS  
NA AMPLIAÇÃO DA JORNADA ESCOLAR**

Cibele Maria Lima Rodrigues  
Gilvaneide Ferreira de Oliveira  
Ruttany de Souza Alves Ferreira

**DOI 10.22533/at.ed.44119191219**

**CAPÍTULO 20 ..... 222**

**O ENSINO DE CIÊNCIAS NATURAIS PARA CRIANÇAS PEQUENAS: CICLO DA  
ÁGUA**

Flávia Regina Brizolla Borges  
Rosana Miranda de Oliveira Taboga

**DOI 10.22533/at.ed.44119191220**

<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>235</b>
TEACHING PROBLEMATIC OF INDIGENOUS WOMEN IN THE INTERCULTURAL MEXICO STATE UNIVERSITY	
Karina Reyes Priciliano Aristeo Santos López Hernán García Esquivel	
<b>DOI 10.22533/at.ed.44119191221</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>245</b>
PROFESSORA, EU JÁ ME SINTO PROFESSOR! UM RELATO SOBRE DIÁLOGOS PEDAGÓGICOS ENTRE A UNIVERSIDADE E A EDUCAÇÃO BÁSICA	
Ormezinda Maria Ribeiro Ana Cristina Castro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.44119191222</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>255</b>
FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DE PROFESSORES: PESQUISA E REFLEXÃO	
Solange Aparecida De Souza Monteiro Paulo Rennes Marçal Ribeiro Maria Regina Momesso Valquiria Nicola Bandeira Carlos Simão Coury Carrêa Andreza De Souza Fernandes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.44119191223</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>270</b>
PROFESSORES DO CAMPO, AUTO PERCEPÇÃO E PRÁTICAS DOCENTES COM AS REDES SOCIAIS	
Maria Fatima Menegazzo Nicodem Teresa Kazuko Teruya	
<b>DOI 10.22533/at.ed.44119191224</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>285</b>
RELATO DE EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO CONTINUADA NO ENSINO SUPERIOR: PERCEPÇÃO DOS DOCENTES SOBRE INTERDISCIPLINARIDADE	
Gildene do Ouro Lopes Silva Sílvia Cristina de Oliveira Quadros Betania Jacob Stange Lopes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.44119191226</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>304</b>
REFORMA DO ENSINO MÉDIO: A LEI 11.645/08 E A RESILIÊNCIA DO FEMININO NA LITERATURA	
Ana Claudia Duarte Mendes Leoné Astride Barzotto Dejair Dionísio Danieli Conrado	
<b>DOI 10.22533/at.ed.44119191227</b>	

<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>320</b>
SOCIALIZAÇÃO DE UMA PROFESSORA INICIANTE DE CIÊNCIAS NATURAIS: EM BUSCA DA PROFISSIONALIDADE	
Verónica Marcela Guridi Elka Waideman Martinez	
<b>DOI 10.22533/at.ed.44119191228</b>	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>332</b>
UNA OJEADA A LAS MODIFICACIONES DEL TRABAJO DE LOS MAESTROS DE SECUNDARIA EN EL D.F., A PARTIR DE REFORMAS EDUCATIVAS DEL 2006 Y 2011	
Maria De los Angeles Castillo Flores	
<b>DOI 10.22533/at.ed.44119191229</b>	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>350</b>
THE PROFESSIONAL QUALIFICATION OF THE PEDAGOGUE: EXPERIENCING PROJECT-BASED LEARNING	
Maria Cristina Marcelino Bento Paulo Sergio de Sena Nelson Tavares Matias Messias Borges Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.44119191230</b>	
<b>CAPÍTULO 30</b> .....	<b>361</b>
UNIVERSIDADE E INCLUSÃO: A EXPERIÊNCIA DO NÚCLEO DE PESQUISA E ESTUDOS EM EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSÃO – NUPESPI COM A FORMAÇÃO PROFISSIONAL	
Nicoleta Mendes de Mattos Sílvia Lúcia Lopes Benevides	
<b>DOI 10.22533/at.ed.44119191231</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>377</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>378</b>

## REFORMA DO ENSINO MÉDIO: A LEI 11.645/08 E A RESILIÊNCIA DO FEMININO NA LITERATURA

**Ana Claudia Duarte Mendes**

UEMS, Curso de Letras Port./Inglês

Dourados – MS

**Leoné Astride Barzotto**

UFGD, FACAPE/PPGL

Dourados – MS

**Dejair Dionísio**

UFGD, FACAPE/PPGL

Dourados – MS

**Danieli Conrado**

Rede Municipal de Ensino

Reserva do Iguaçu - PR

**RESUMO:** As mudanças educacionais promovidas pela reforma do Ensino Médio são nosso objeto de reflexão, principalmente no que tange a obrigatoriedade da Lei 11.645/08, no que diz respeito ao ensino das culturas afro-brasileira, africanas e indígenas, e a inserção de estudos sobre os protagonismos femininos. A perspectiva é pensar as relações culturais a partir dos conceitos de colonialidade, interculturalidade, multiculturalismo, a fim de compreender a relevância da citada Lei e o que representa sua não aplicabilidade. Apontamos o estudo das literaturas produzidas pelas diferentes culturas no Brasil, como condições necessárias para a valorização de epistemologias diferentes, na busca por igualdade e equidade de tratamento no interior

da escola, considerando a diversidade cultural. Pensar nesse tipo de contexto possibilita análise de aspectos relacionados ao silenciamento dos escravizados e seus descendentes, assim como o percurso das mulheres negras que saem dos porões dos navios e emergem à condição de visibilidade pela cultura e conquistam a emancipação por meio da escrita. Questões que perpassam também a leitura dos textos de escritores indígenas, que compõem os estudos sobre as literaturas do Sul, invisíveis ao grande público. Relacionar as questões acima destacadas é ir buscar novas reflexões, acerca da presença de uma ausência preocupada em reconstruir-se a partir de um eu, o outro. Reiterar-se do poder de resgate da memória do outro através da escrita, olhando a paisagem, e o espaço do outro recorrendo a ela própria.

**PALAVRAS-CHAVE:** Afrodescendência. Colonialidade. Literatura indígena. Mulher.

**ABSTRACT:** The educational changes were promoted by the reform of high school are our object of reflection, mainly regarding the mandatory's law 11.645/08, with regard to teaching of Afro-Brazilian, African and Indigenous cultures and the insertion of studies of female roles. The perspective is to think about the cultural relations from the concepts of coloniality, interculturality, multiculturalism, in order to understand the relevance of the

mentioned law and what it represents its non- applicability. We point out the study of the literatures were produced by different cultures in Brazil, as necessary conditions for the appreciation of different epistemologies, in the search for equality and equity of treatment inside of the school, considering the Cultural diversity. Thinking about this type of context enables analysis of aspects are related to the silent of enslaved people and their descendants, as well as the path of black women who leave the basements of ships and they emerge to the condition of visibility by culture and they conquer the emancipation through writing. Issues that also permeate the reading of the texts of indigenous writers, which compose the studies on the South's literatures, invisible to the general public. Relating the issues are highlighted above it is to seek new reflections about the presence of an absence is worried about rebuilding itself from an I, the other. Reiterating itself of the power's rescue of the memory of the other through writing, looking at the landscape, and the space of the other, resorting to itself.

**KEYWORDS:** Afrodescendence. Coloniality. Indigenous literature. Woman.

## 1 | INTRODUÇÃO

A literatura é realidade de vida, constituinte do homem desde os primórdios do que chamamos tempo, manifestação e necessidade universal, pois a humanidade não vive sem *fabulação*, como ensina Candido (2011), no texto *O direito à literatura* (2011). No qual o teórico discute e defende a literatura como parte essencial dos direitos humanos, considera-a como *bem* da humanidade, define que sua função é complexa, contraditória, por isso mesmo a literatura tem *papel humanizador*.

A poesia é tão antiga quanto a fala, é a *casa da presença*, na qual todos os tempos se encontram, conforme professa Paz (2003), nesse sentido, a atividade poética é um ato revolucionário em sua essência, pois ao dialogar com o humano, transfigura-o, no ato da transcendência, permite que se ultrapasse os limites temporais, ao dotar de plenitude o ser (PAZ, 2003).

Ao pensar a literatura e o fazer literário como inerentes ao que chamamos de humano, assumimos uma postura de defesa deste conhecimento, destacando sua importância dentre os fazeres culturais de todas as civilizações. Nesse sentido, concebemos a atividade literária e seu estudo como direito humano, pois parte do processo de alcançar a humanização em/de todos os fazeres, conhecimentos e saberes.

A partir desta concepção da literatura como direito, inerente ao fazer humano, necessária, iniciamos nossas reflexões sobre a reforma do Ensino Médio e da importância de se pensar sobre o estudo sistemático desta que se tornou uma disciplina não grata na grade curricular. A partir da reforma, proposta e aprovada, percebemos uma concepção de educação voltada para resultados mensuráveis, alicerçada em pesquisas que avaliam a produtividade, verificando/avaliando o processo de interpretação de textos em uma perspectiva unívoca, ao contemplar

o ensino na perspectiva dos resultados, pensamos que esta sistematização põe a perder a liberdade de que se alimenta o ensino da arte.

Podemos constatar essa afirmação após a transformação da literatura em componente curricular e não mais disciplina regular na grade curricular, por exemplo, na reforma do Ensino Médio ocorrida em Mato Grosso do Sul, (Resolução/SED nº 3.196, de 30 de janeiro de 2017, que dispôs sobre a organização curricular e o regime escolar, tanto do Ensino Fundamental, quanto do Ensino Médio). A partir da reforma, a Literatura deixa de ser disciplina e integra a área de Língua Portuguesa com seu conteúdo diluído em novos “eixos estruturantes”. A aplicação e importância desses conhecimentos, o espaço dado a esses no planejamento do professor, passam a ser mais subjetivos do que objetivamente definidos.

Nesse sentido, a literatura fica dependente da temporalidade do professor, sua importância não mais distintamente determinada e ordenada na grade curricular, perdendo espaço para outras disciplinas. Essas considerações fazem parte de uma constatação mais ampla, a de que as disciplinas da área de humanas perdem espaço em um currículo voltado para o mercado, na formação do homem/mulher para o trabalho, sua dimensão enquanto ser fica restrita ao fazer.

Ao ponderarmos sobre o contexto maior no qual se insere a questão que iremos tratar com mais cuidado, buscamos afirmar que não consideramos em isolado a questão da obrigatoriedade da Lei 11.645/08 e sua dificuldade de aplicação na área de Letras. Constatamos que essa faz parte de uma ação que visa modificar a concepção de educação como direito humano, e que encontra justificativas pertinentes para os que defendem a educação para o trabalho, em uma formação cada vez menos humanística, plural e de aceitação das diversidades.

## 2 | A INSERÇÃO DAS LITERATURAS POSTAS À MARGEM

Para essa reflexão sobre a literatura na educação, é necessário dialogar com alguns pensadores que podem nos colocar frente a questões como a de ponderar sobre o papel da literatura nas narrativas de formação das identidades nacionais. Esta discussão nos auxilia na reflexão sobre as escolhas e discursos acerca do que foi, ao longo do tempo, considerado como literatura e tornado parte do “cânone” e o que foi descartado como texto menor, deixado à margem.

Nesse sentido, é importante destacar os estudos de Appiah (1997), quando este discute como se constituiu a identificação da raça com a nação e sua respectiva literatura, no pensamento europeu. Interessa-nos particularmente suas reflexões sobre a relação entre literatura, nação e *raça*, pois, segundo ele foi no séc. XVIII e XIX que formulou-se a seguinte ideia: “Em suma, a nação é o termo intermediário fundamental para compreender as relações entre o conceito de *raça* e a ideia de literatura” (APPIAH, 1997, p. 78).

Ao aprofundar suas discussões sobre a questão da ligação entre nação, racismo e literatura, o autor discute as narrativas de construção das identidades nacionais e suas origens, tanto na Europa como no Novo Mundo. E aponta para as questões étnicas que permearam suas ponderações, que nos interessam, como por exemplo, europeus e norte-americanos de ascendência europeia sempre

(...) negaram sistematicamente que os negros fossem capazes de contribuir para “as artes e as letras”. A começar de antes do estabelecimento da *raça* como um conceito biológico, figuras influentes manifestaram suas dúvidas sobre a “capacidade do negro” de produzir literatura. Mesmo no Iluminismo, que enfatizou a universalidade da Razão, Voltaire, na França, Hume, na Escócia, e Kant, na Alemanha, assim como Jefferson no Novo Mundo, negaram a capacidade literária das pessoas de ascendência africana (APPIAH, 1997, p. 84).

Essa negação atinge todas as nações colonizadas, a ideia de civilização atrelada à cultura letrada, aprofundou o racismo, ao relegar todos os fazeres culturais concebidos como “primitivos”, de línguas “bárbaras”, pois no processo colonial a língua do colonizador, e sua literatura, passam a fazer parte do imaginário do colonizado, além de obrigatórias para a sobrevivência. Ao discutir essas questões históricas, Appiah (1997) destaca a luta dos escritores negros, nos Estados Unidos, para se inserirem também na história literária nacional. Nesse sentido, aponta o fato de que

O reconhecimento, especialmente nos últimos anos, do papel do anglo-saxonismo, em particular, e do racismo, em termos mais gerais, na construção dos cânones da literatura estudada nos departamentos de inglês das universidades norte-americanas levou muitos estudiosos a defender a inclusão de texto de afro-americanos nesse cânone, em parte porque sua exclusão inicial era uma expressão de racismo (APPPIAH, 1997, p. 84).

Essa tendência de inserção da literatura produzida por nativos da terra ou afrodescendentes é parte da luta, em diferentes partes do mundo colonizado, por soberania e identificações nacionais (HALL, 2005). Podemos citar o uso da escrita de afirmação de identidade nas lutas de independência colonial, nas décadas de 60 e 70, com a participação de literatos de países como Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, pois ainda que estes publiquem obras em língua portuguesa, seus textos afirmam pertencimentos étnicos e nacionais.

De acordo com Anderson (2008) as nações são comunidades que se imaginam como tais, a partir de elementos que propiciam a ideia de unidade. Nesse sentido uma nação é: “(...) uma comunidade política imaginada – e imaginada com o sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana” (ANDERSON, 2008, p. 32). Ao discutir a ideia de nação e sentimento de pertencimento a uma determinada comunidade imaginada, deparamo-nos com a questão da diversidade cultural brasileira, como herança do processo colonial.

Ao propormos imaginar a comunidade formada por elementos de brasilidade, dispomo-nos ao exercício de pensar a diversidade étnica encontrada em solo

brasileiro, formada pelos nativos da terra, os indígenas, bem como a que foi trazida, ora pelo tráfico de pessoas, durante o período de escravidão, ora pelos incentivos à imigração europeia, no projeto de branqueamento da população brasileira.

Nesse exercício encontramos Adolfo (2005) a nos alertar sobre os discursos do colonizador: “O colonialismo é cheio de sutilezas e possui manhas e teias quase invisíveis. A teoria do hibridismo e da mestiçagem cultural é uma dessas teias que nos passam quase despercebida” (ADOLFO, 2005, p. 37). Ao refletir sobre o significado destas palavras do pesquisador, buscamos compreender o que significa ser multicultural em um espaço colonial:

Ao contrário de multiculturalismo – que pressupõe a existência de uma cultura dominante que aceita, tolera ou reconhece a existência de outras culturas no espaço cultural onde domina – a interculturalidade pressupõe o reconhecimento recíproco e a disponibilidade para enriquecimento mútuo entre várias culturas que partilham um dado espaço cultural” (SANTOS; MENESES, 2010, p. 16).

Compreendemos, a partir dessa definição que no multiculturalismo colonial, que permeia nosso fazer ainda hoje, aprendemos e ensinamos dentro da lógica do pensamento eurocêntrico. Não houve uma mudança epistemológica que implicasse pensar novamente nossos usos, nossas palavras, a partir de uma perspectiva que relaciona-se com o fato apontado por Santos e Meneses (2010), na introdução do livro *Epistemologias do Sul*, de que existem conhecimentos que foram considerados válidos no processo colonial e outros foram desconsiderados.

O uso e a língua oficial, a cultura, a religião, o discurso científico validado, são de origem europeia, nesse sentido, o processo colonial em sua relação de poder nos impôs uma forma de ver e sentir o mundo, a partir do Norte, sendo necessário rever essa construção para alcançarmos o conhecimento *do Sul e com o Sul* (SANTOS, MENESES, 2010). Essa era a proposta que encontramos na Lei 11.645/08, que propiciava uma relação mais intercultural entre os conhecimentos, uma perspectiva de encontro de culturas com direito à diversidade.

Nesse sentido, Adolfo (2005) ao fazer o alerta para pensarmos o que significa nossa “mestiçagem”, faz-nos refletir acerca dos discursos sobre a colonização portuguesa e a adaptação do português aos trópicos, principalmente nas narrativas sobre o mito da democracia racial. A crítica de Adolfo (2005) considera principalmente as consequências do processo colonial:

(...) a famosa civilização lusitana, a que deu certo nos trópicos, tem lá seus inúmeros problemas, sobretudo o racismo, acompanhado de suas mazelas, a fome, o analfabetismo, entre outras coisas. Sem contar com a violência colonial no Brasil, o genocídio ameríndio, o tráfico de escravos, e um interminável colonialismo em África, cujas consequências estão diariamente estampadas na mídia (ADOLFO, 2005, p. 37).

Diante destas constatações, sobre as condições dos diferentes grupos étnicos que

compõem a diversidade da nação brasileira, pensamos como poderia ser a abstração que abarca a consciência de pertencimento e identificação nacional. No Brasil, essa luta por pertencer, identificar-se, desenhou-se ao longo tempo, travada por escritores afrodescendentes e indígenas, que não se identificam e não se reconhecem nos textos literários canonizados, produzidos sobre esses grupos étnicos e não por eles.

Destacamos que essa luta por reconhecimento de sua presença nas bases da cultura brasileira é antiga, tanto por parte dos afrodescendentes quanto por indígenas. Nesse contexto, de luta por mudanças tanto nas grades curriculares quanto nas concepções educacionais, não podemos deixar de citar como estes reconhecimentos foram instituídos como Lei, desde, por exemplo, a 9.394/96, passando pela 10.639/03 até a mudança com a 11.645/08, tornando-se conteúdos e concepções obrigatórios.

Estas leis são resultado da luta constante dos diversos movimentos sociais na formulação de políticas públicas, sociais e educacionais, nas quais as diversas culturas pudessem estar inseridas em um projeto de educação intercultural, inclusiva, para todos, que estava na concepção filosófica da Constituição Federal aprovada em 1988.

No que diz respeito ao desconhecimento de grande parte da população em relação à presença dos afrodescendentes e indígenas na literatura brasileira, destacamos que há estudos que discutem e dão visibilidade nas universidades a essas produções literárias, pois ainda que tenhamos autores afrodescendentes reconhecidos, há a negação de pertencimento étnico de muitos destes autores reverenciados.

Um dos exemplos mais típicos desta negação de africanidade, temos a partir das pesquisas de Duarte (2011), que estuda a produção literária de autores afrodescendentes e selecionou a obra de Machado de Assis, da qual o pesquisador publicou uma coletânea de textos, sob o título de *Machado de Assis afro-descendente* (2009). Neste livro, o organizador traz no título a construção, ou desconstrução, da imagem de um autor consagrado, ícone da cultura brasileira, que teve sua cor da pele modificada, sofrendo o processo de branqueamento, seja na imagem impressa nos livros, seja em sua escrita.

Muitos leitores de Machado de Assis não sabem que estão diante de um escritor afrodescendente, bem como parte de seus escritos sobre a questão da escravidão foram relegados e pouco comentados. Dessa forma, o escritor, muitas vezes, foi acusado de não ter se manifestado sobre a questão da escravidão.

Ainda sobre a presença e produção de escritores afrodescendentes, o professor e pesquisador Duarte (2011) organizou uma série de estudos sobre autores afrodescendentes, a obra *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica* (2011), conta com pesquisadores de diferentes Universidades do Brasil, e abarca diferentes épocas, dividida em quatro volumes, a obra reúne estudos teóricos sobre diversos autores e épocas.

Consideramos importante destacar algumas escritoras afrodescendentes e indígenas que se inserem nas discussões que promovemos ao pensar a literatura a

partir do que não está no cânone, para tanto, segue as reflexões primeiro da escrita feminina afrodescendente e na sequência as escritoras indígenas.

### 3 | LITERATURA EM FOCO: ESCRITORAS AFRODESCENDENTES

Para falar da figura feminina e seus escritos é necessário que se faça um breve apanhado de algumas mulheres escritoras que deixaram suas marcas na literatura e na sociedade e que, por meio da arte, conseguiram a emancipação e libertação das amarras eternas e dos grilhões impostos séculos passados.

A literatura afro-brasileira funciona como espaço de propagação de conhecimentos relacionados à identidade e percepção de mundo, assim como as várias maneiras de ver o mundo no qual se está inserido. É preciso que se faça um apanhado de considerações entre o termo “literatura negra” e “literatura afrodescendente”, uma vez que a “literatura brasileira”, que serve para designar todas as formas de produção literária do país, não tem respondido a seguinte questão: “por que grande parte dos escritores negros ou afrodescendentes não é conhecida dos leitores e os seus textos não fazem parte da rotina escolar?” (SOUZA e LIMA, 2006, p. 12).

Outros temas recorrentes da literatura afro-brasileira são o da inclusão do negro em espaços de prestígio e a memória ancestral. Nesse sentido, Munanga (2012, p. 1), nos conduz ao pensamento que identidade negra não surge de uma condição ligada à pigmentação da cor da pele e, sim, aos processos históricos vivenciados pelos negros, que abrangem instâncias desde o “descobrimento” do continente africano no século XV pelos portugueses. Sobre esse personagem narrativo, Luiza Lobo dirá que “o negro deixa de ser objeto para passar a sujeito da literatura e da sua própria história; deixa de ser tema (inclusive como estereótipo) para ser autor de uma visão própria” (LOBO, 1993, p. 206).

Atual protagonista do feminismo literário negro, Conceição Evaristo, é uma das vencedoras do Prêmio Jabuti 2015 na categoria conto com *Olhos d'Água*, escreve sobre as vivências das pessoas negras, porém sempre evita uma abordagem direta relacionada com a pobreza. Seu foco é relacionar a pobreza como realidade opressiva, mas a deixa nas entrelinhas. Uma leitura com experiência de aprendizagem nas entrelinhas estão ligadas aos conceitos de resistência, estratégias e a sobrevivência. A escritora também faz inclusões em suas escritas sobre a ancestralidade, a Umbanda e Candomblé.

Outros exemplos de mulheres que enfrentaram o preconceito em ser mulher e mesmo assim fizeram da literatura suas armas para denunciar as mazelas em que viviam, entre elas estão Paulina Chiziane, a primeira mulher moçambicana a publicar um livro, em 1990. A autora denuncia a falta de estímulo para que as meninas estudem e, para ela, esse é um dos motivos de tão poucas escritoras em Moçambique terem alcançado essa condição. Assim, enquanto personagens, as mulheres são o principal

tema de sua literatura.

Toni Morrison é mais uma dessas mulheres que lutaram para vencer os preconceitos e, por meio da literatura, conseguiu soltar um grito de liberdade. Vencedora do Prêmio Nobel de Literatura em 1993, Toni Morrison aborda diversos aspectos da experiência de mulheres negras. A necessidade de sair muito cedo de casa em busca de trabalho, a preocupação com a sobrevivência que muitas vezes desgasta os relacionamentos, e o impacto de não se adequar aos padrões de beleza que a sociedade impõe, estão entre os temas por ela abordados.

Maria Firmina dos Reis, escritora negra e maranhense, faz parte deste seleto grupo de mulheres que escrevem a partir da realidade em que vivem ou viveram. Segundo Eduardo Assis Duarte, Maria Firmina dos Reis é considerada a precursora da literatura afro-brasileira com seu romance *Úrsula*, que além de ser o primeiro romance abolicionista, é a primeira obra a tratar sobre a temática “assunto negro”, comprometendo-se a narrar e resgatar a condição de ser negro (a) no nosso país (DUARTE, 2009, p. 277). Dessa forma, a escritora apresenta o negro numa perspectiva do negro, abordando a classe social desses povos no país, evidenciando suas qualidades tais como: portador de sentimentos bons, virtudes e classificando-os como fortes por conta da superação da dor humilhante da condição para a época.

Por fim, nos dias atuais, chega-se à série *Cadernos Negros*, que tem como objetivo abrir espaços para escritoras negras, dar visibilidade e emancipação a elas que, na sua maioria, são escritoras mulheres excluídas do mercado e do círculo acadêmico, e tem na publicação coletiva seu único e principal meio de contato com o leitor. *Cadernos Negros* é uma publicação coletiva de um grupo de escritores afrodescendentes, que vem a público anualmente desde 1978. São contos e poemas que se alternam em narrativas curtas. Fazem parte atualmente dos *Cadernos Negros* escritoras mulheres. Dentre alguns nomes podemos citar-se Conceição Evaristo, Esmeralda Ribeiro, Geni Guimarães, Lia Vieira, Miriam Alves, Sônia Fátima da Conceição Vera Lucia Barbosa entre outras.

Das escritoras que fazem parte desse elenco a mais conhecida e que mais condensa proximidade com Carolina Maria de Jesus é Conceição Evaristo, que traz em sua escrita a expressão de novos paradigmas. Ela escreve de dentro para fora do espaço marginalizando o cânone, descreve a angústia coletiva, a opressão de classe, gênero e etnia.

Nessas mulheres pode-se notar as atitudes de luta e de resistência. Elas colocam em cena o lado feminino de uma vida de exclusão. Fazem de suas personagens, que por vezes são mulheres domésticas, mães solteiras, faveladas, mendigas, as atitudes em ser mulher e mulheres de referências, daquelas que lutam, apesar de ainda ser desfavorecidas na sociedade em que vivem. Pode-se afirmar que não é possível identificar ou lograr êxito quando se trata de encontrar textos de autoria feminina na literatura brasileira.

Nesse sentido, pode-se dizer que a literatura afro-brasileira é lugar de

independência da fala de mulheres negras, pois abre espaço para o ponto de vista negro feminino o qual por muitas vezes, é excluído da literatura brasileira. Esse tipo de literatura é capaz de fazer com que a mulher negra seja senhora de seu discurso, sublinhando sua individualidade e livrando-se dos estereótipos depreciativos do processo histórico a que fora forjada e que a literatura tratou de disseminar ao longo dos séculos, e:

Assim, poderíamos definir a literatura afro-brasileira como a produção literária de afro-descendentes que se assumem ideologicamente como tal, utilizando um sujeito de enunciação próprio. Portanto, ele se distinguiria de imediato, da produção literária de autores brancos a respeito do negro, seja enquanto objeto, seja enquanto tema ou personagem estereotipado (folclore, exotismo, regionalismo) (LOBO, 2007, p.315).

Com base neste estudo, o que se observa é que o termo literatura afro-brasileira reúne uma vasta amplitude de escritores que elegem as mesmas temáticas em seus escritos, parte desde Caldas Barbosa, Luiz Gama, Maria Firmina dos Reis, Lima Barreto, Carolina Maria de Jesus até outros escritores da contemporaneidade como Conceição Evaristo. Com esse número considerável de escritores que tratam a recorrente questão da identidade negra com um olhar novo e positivo em seus textos, pode-se afirmar que os:

Personagens são descritos sem a intenção de esconder uma identidade negra e, muitas vezes, são apresentados a partir de uma valorização da pele, dos traços físicos, das heranças culturais oriundas de povos africanos e da inserção/exclusão que os afrodescendentes sofrem na sociedade brasileira. Esses processos de construção de personagens e enredos destoam dos modos estereotipados ou da invisibilidade com que negros e mestiços são tratados pela literatura brasileira, em geral (EVARISTO, 2009, p. 19).

Percebe-se que essa literatura, a qual traz o protagonismo de mulheres em posições que pouco se diferem das personagens estereotipadas como as mães solteiras, as bêbadas, as catadoras de lixo e as prostitutas. Trata-se de uma produção necessária por retirar as mulheres negras dos lugares subalternos, determinados e impostos pela sociedade, a que é contaminada pela discriminação racial e ancorada em uma idealização branca como padrão estético. Essa literatura combate a invisibilidade das mulheres negras, dialoga com reflexões sob as adversas condições de ser mulher negra em uma sociedade patriarcal. Há uma necessidade e uma importância do estudo desse tipo de literatura produzida por essas escritoras negras, pois elas são comprometidas em desvelar as questões racistas.

Dissertar sobre a literatura de autoria feminina negra como um todo é de fundamental importância para discussões sobre a escritora Carolina Maria de Jesus. Expor essa literatura é abordar os valores estético-ideológicos que estruturam o sistema político social do universo literário e discutir a categoria da afro-brasilidade no Brasil, e a marginalização ao longo da história na produção literária de autoras

negras. Que foram levadas aos estudos da crítica feminista e aos estudos culturais nos séculos XX e XXI. Tais produções expõem, principalmente, a exclusão na história literária e o silenciamento do eu feminino.

Focault (1997) justifica que cada autor, a partir de sua escrita, apenas confirma sua identidade, revelando assim seus anseios, fazendo com que muitos leitores revelem seu individualismo perante a leitura das obras. Dessa forma, vale sintetizar que as mulheres negras tornam-se exemplos de tais escritas na literatura, pois são elas que, quando aparecem no cenário literário, compartilham com os leitores as experiências por elas vividas e, como consequência disso, ajudam na reconstrução de uma nova identidade do leitor por meio do fazer literário, até porque;

Não será a cor da pele ou a origem étnica o elemento definidor dessa produção textual, mas sim o compromisso de criar um discurso que manifeste as marcas das experiências históricas e cotidianas dos afrodescendentes no país. O conjunto de textos circula pela história do Brasil, pela tradição popular de origem africana, faz incursões no iorubá e na linguagem dos rituais religiosos, legitimando tradições, histórias e modos de dizer, em geral ignorados pela tradição instituída (SOUZA, 2006, p. 61).

Pode-se notar que essa narrativa assim denominada afro-brasileira não acontece para seguir o padrão estético-literário, mas para fazer um percurso entre a ideologia que gera arte, e da arte que gera a identidade e a partir da identidade surge uma estratégia de sobrevivência em meio ao que é imposto.

A cultura/herança do negro no Brasil é um dos elementos que necessita de forma urgente uma revisão canônica, ato que já vem sendo debatido desde meados do século XX. Florentina da Silva Souza, em sua tese, intitulada, *Afrodescendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU (Movimento Negro Unificado) UFBA (2005)*, argumenta a necessidade de uma discussão dos lugares ocupados pelos negros na sociedade brasileira, isto é: no campo das letras, nos meios acadêmicos e nos espaços mercadológicos. Florentina expõe que não só a participação da autoria afrodescendente na literatura brasileira é motivo de recusa para a elite que faz parte do cânone literário do Brasil, mas também a revisão de conceitos e questões etnicorraciais, como uma temática que é notoriamente insuficiente por parte dos intelectuais.

É necessário justificar os elementos intrínsecos na identidade cultural do país. Obras como *Quarto de Despejo. Diário de uma favelada* (1960), abarcam e motivam discussões e debates que abrangem vários segmentos sociais, os quais ressaltam complexidade na análise estrutural por reunir questões de ordem políticas, individuais/coletivas, subjetivas e históricas que entrelaçam-se entre si.

Vê-se que há uma necessidade de debates no âmbito mais profundo da sociedade, não se pode querer apenas que haja uma revisão superficial, pois isso acarretará agravamento nos problemas que se vive. Os debates necessitam transcender barreiras da intelectualidade científica, possibilitando uma consciência

rediscutida no âmbito social.

A maneira como a sociedade brasileira lidou com herança escravocrata do país, de uma forma silenciada e até mesmo irônica, fez com que nos dias atuais a identidade negra na formação da sociedade brasileira, seja vista com mais resistência e sem muitas distorções pelo cânone, o qual é fruto de um pensamento europeizado do colonizador.

Ao lermos o livro, *Quarto do Despejo. Diário de uma favela*, fica claro o lugar de onde fala o narrador, uma mulher, negra, situada na década de 1950, que não aceita seu destino e como escritora dá a sua voz como protagonista da história, que representa várias mulheres negras da época, e reescreve um novo destino para si e para sua personagem. Assim, o livro transmite a reação que teve uma mulher negra brasileira desse tempo, quando leu sua obra. Uma mulher que fala em nome de várias outras mulheres e que se dá o direito de ser sujeito de sua história e reescrevê-la. Tal abordagem é profunda, porque trata de uma questão que vem sendo discutida nos últimos tempos: em que lugar se encaixa a militância da mulher negra?

Hoje, com o novo quadro literário que se tem apresentado em que textos denominados afro-brasileiros, indígenas, femininos ou homoeróticos, que tem por objetivo dar voz às minorias, tem começado a emergir na sociedade e nos meios estudantis percebe-se que a obra de Carolina Maria de Jesus foi uma precursora dessa nova proposta de Literatura.

A escrita da mulher afrodescendente vem ganhando espaços, mesmo que de forma muitas vezes silenciada. A literatura dessas mulheres está preocupada em despertar e problematizar um discurso de resistência, de resgate da memória como um “alívio” para os problemas históricos que enfrentam.

... Tem horas que revolto coma vida atribulada que levo. E tem horas que me conformo. Conversei com uma senhora que cria uma menina de cor. É tão boa para a menina... Lhe compra vestidos de alto preço. Eu disse:

-Antigamente eram os pretos que criava os brancos. Hoje são os brancos que criam os pretos (JESUS, 2007, p. 24).

Pode-se dizer, então, que Carolina Maria de Jesus buscava demonstrar fatores importantes na narrativa a partir da identidade. A identidade negra é buscada sem anular a dimensão da identidade feminina, com a qual Carolina também se preocupava.

Outra perspectiva que a Lei 11.645/08 privilegia, e que consideramos importante na percepção intercultural de formação do povo brasileiro, é a questão das temáticas culturais, pois a diversidade presente no universo afrodescendente e indígena, no tocante às memórias, religiosidades, fazeres culturais, que são matrizes de muitos dos fazeres considerados brasileiros, mas que sobre os quais não pensamos como parte de nossas raízes. Dessa forma, dialogar com os escritores indígenas é falar com a origem de muitas das nossas tradições culturais.

## 4 | VOZES NATIVAS: ESCRITORAS INDÍGENAS

Quando falamos sobre as origens, apontamos para o que os/as pesquisadores/as das universidades tem nomeado de textualidades indígenas, considerando que alguns escritores indígenas referem-se a essa produção como literatura nativa e outros de literatura indígena. Conforme o conceito de literatura com o qual dialogamos nesse artigo, a literatura é parte essencial do fazer humano, nesse sentido, negar que a produção dos indígenas seja literatura é assumir a percepção colonial. Ao não reconhecer que a cultura indígena e suas *fabulações*, literatura, no sentido dado por Candido (2011), fazem parte do imaginário brasileiro, constitui uma das marcas da lógica multicultural, herança do processo colonial, que desqualifica toda produção que não seja eurocêntrica.

Ao menosprezar a cultura indígena, o *processo colonial* apropriou-se de inúmeros de seus conhecimentos, narrativas orais foram coletadas e seus sentidos migraram para o das *fábulas*. Em diferentes estudos sobre a cultura brasileira, estas narrativas foram inseridas sendo chamadas de cultura popular, sendo relegadas para o campo do fantástico. A partir de nossas experiências como leitor/as de contos indígenas, podemos dizer que muitos dos contos que lemos parecem-nos familiares, contados pela tradição oral familiar.

Aprendemos com Matos (2012), que todos os registros dos diferentes aspectos culturais dos povos nativos eram produzidos sobre eles. Dessa forma, o ponto de vista, a voz indígena não foi registrada com sua autoridade de saber, conhecimento histórico, memória ancestral, estas vozes foram diluídas por outras que falavam sobre elas. Quando pensamos nas diferenças culturais das etnias, as diversas narrativas cosmogônicas, mitos, rituais, e o respeito a estes em sala de aula, compreendemos que a tarefa de pensar a partir de outras epistemologias está apenas começando. Nesse sentido, destacamos a seguinte periodização proposta sobre a produção literária indígena:

Estudar a periodização das literaturas indígenas, dicionarizar seus autores é uma perspectiva futura. *A priori*, permitimo-nos afirmar que o conjunto de manifestações literárias de autoria indígena produzido no Brasil sugere dois momentos singulares: o período clássico referente à tradição oral (coletiva) que atravessa os tempos com as narrativas míticas e o período contemporâneo (de tradição escrita individual e coletiva) na poesia e na “contação de histórias” com base em narrativas míticas e no entrelaçamento da história (do ponto de vista indígena) com a ficção (em fase de experimentalismo) (GRAÚNA, 2013, p. 74).

Em relação a produção contemporânea de escritores indígenas, destacamos três mulheres, começando com a apresentação de Eliane Potiguara (Eliane Lima dos Santos), professora formada em Letras e em Educação (UFRJ), escritora, ativista, empreendedora, e como ela se apresenta em sua página virtual “escritora que corre o mundo e escreve os caminhos e descaminhos da vida” (POTIGUARA, 2019). Destacada liderança brasileira na luta pelos direitos indígenas e das mulheres

indígenas.

Eliane Potiguara destaca-se como voz indígena em diferentes espaços, sua militância e percepção em relação à luta das mulheres indígenas começa desde cedo, no seio da família, que sofreu diáspora familiar da Paraíba para o Rio de Janeiro, após ter seus direitos à terra violados pela colonização. Fundadora da Rede GRUMIN de Mulheres Indígenas, participou em diferentes momentos das discussões sobre os Direitos Indígenas organizados pela ONU – Organização das Nações Unidas. Suas obras trazem marcas desse processo de luta e identificação, como em *A terra é mãe do índio* (1989); *Akajutibiro: Terra do índio Potiguara* (2004); *Metade cara, metade máscara* (2004); *O coco que guardava a noite* (2004); *O pássaro encantado* (2014) e *A cura da terra* (2015).

Outra escritora que se destaca nessa luta é Graça Graúna, pseudônimo de Maria das Graças Ferreira, escritora indígena, potiguar de São José do Campestre (RN). Formada em Letras pela UFPE, a autora defendeu dissertação de Mestrado sobre *Mitos Indígenas na Literatura Infantil brasileira*, em 1991 e, em 2003, defendeu a tese de Doutorado sobre *Literatura Indígena Contemporânea no Brasil*, pela UFPE.

Autora publicou as obras *Canto Mestizo* (poesia, Ed. Blocos, 1999); *Tessituras da terra* (poesia, ed. M.E, 2000); *Tear da palavra* (poesia, Ed. Mulheres, 2001); *Criaturas de Ñanderu* (narrativa infantil e juvenil, Ed. Amaryllis, 2010); *Contrapontos da Literatura Indígena Contemporânea no Brasil* (Mazza Edições, 2013); *Flor da mata* (haicais, Peninha Edições, 2014). Sua voz nos ajuda a pensar a literatura e seu papel nesses tempos contemporâneos:

(...) A literatura é um dos meios privilegiados de construção mitológica coletiva. Como encruzilhada onde discursos e visões em conflito e competição se encontram e entram num equilíbrio muitas vezes precário e contraditório, a literatura constitui um lugar no qual diferentes valores, mitos, histórias e traduções estão sendo negociados. É por meio da literatura enquanto espaço mnemônico que escritores multiétnicos das Américas recriam os mitos necessários para se enraizar como sujeitos autóctones (...) (GRAÚNA, 2013, p. 11).

Dessa forma conseguimos ler sua obra, marcada pela poeticidade que narra, sente e pensa uma literatura ameríndia, como em *Canção Peregrina* (GRAÚNA, 2009), poesia marcada por vivências de exílio, violências, resistência de identidades “Ameríndia ou LatinoAmérica” como dizem os versos deste mesmo poema.

A literatura e identidade reverberam com força de expressão e leveza ao mesmo tempo na poesia de Márcia Wayna Kambeba, ou Márcia Vieira da Silva, indígena da etnia Omágua/Kambeba. Graduada em Geografia pela Universidade do Estado do Amazonas e mestra em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas, pesquisa sobre seu povo, nasceu numa aldeia Ticuna, depois migrou para São Paulo das Olivenças (AM). Escreve poemas que se relacionam com as vivências, identidades, territórios dos povos indígenas e do povo Omágua/Kambeba. Sua obra literária é divulgada em forma de livro, como o *Ay kakyritama: eu moro na cidade*, publicado em

2015, com segunda edição em 2018, e nas mídias digitais, como por exemplo, o blog do Recanto das Letras com textos e áudios.

Outras escritoras também merecem destaque como Lia Minapoty, da aldeia Yãbetue'y, no Amazonas, atua na divulgação e luta pelos direitos e cultura das mulheres Maraguá. Nesse contexto de disputa de narrativas sobre os povos indígenas, a voz destas mulheres é importante fonte de resistência e divulgação de existência, direito a vida e respeito à cultura. A escola precisa ser pensada para respeitar as relações interculturais e assim, poderemos aprender sobre outras possibilidades de convivência em nosso planeta.

## 5 | REFLEXÕES...

Quando Boaventura nos fala sobre a *ecologia dos saberes* (2010), na qual propõe novas epistemologias, nas quais os diferentes conhecimentos serão tratados em uma relação de igualdade, em uma construção intercultural de fato. Pensamos ser este o caminho para a superação das dicotomias do pensamento colonial, que vigora na lógica do capital, e na qual se assenta a reforma da educação que estamos passando.

A tarefa de estudantes de literatura, que consideram que o cânone não representa a diversidade cultural brasileira, é a de continuar resistentes e resilientes na arte de divulgar os estudos e produções literárias dos autores que foram postos à margem. A luta é constante para a valorização dos conhecimentos relegados pela *colonialidade*, pois o processo colonial institucionalizado encerrou-se, mas as práticas culturais deixadas por ele estão vigentes ainda hoje, por isso o racismo ainda é tão presente em nosso cotidiano.

Defender a literatura, mas não apenas a reconhecida, canônica, é tarefa de todos os educadores que pensam que a arte, a liberdade de pensar outros mundos, outros fazeres, é pedra angular. A liberdade da arte é a nossa, aprisionar a arte é aprisionar o humano em nós.

## REFERÊNCIAS

ADOLFO, Sérgio Paulo. Literatura e visão de mundo. In: REZENDE, Lucinea Aparecida de. Leitura e visão de mundo: peças de um quebra-cabeça. Londrina: Atrito Art Editorial, 2005.

ANDERSON, Benedict R. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai**: a África na filosofia da cultura. Tradução Vera Ribeiro; revisão de tradução Fernando Rosa Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997

BOURDIEU, Pierre. **A denominação masculina**. Trad. Maria Helena Kunnher. São Paulo: Bertrand Brasil, 1999.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5ª edição, corrigida pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

COSTA, Renata Jesus da. **O feminino negro na obra Quarto de despejo de Carolina Maria de Jesus**. p.183-219.

CRUZ E SOUZA, João da. **Obra Completa**. Ri de Janeiro: Aguilar, 1961.

DUARTE, Constância Lima. **Gênero e violência na Literatura afro-brasileira**. Disponível em: ><http://www.letras.ufmg.br/literafro><. Acesso em: 25 de agosto 2019.

DUARTE, Eduardo de Assis. (Org.) **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. 4 v. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

\_\_\_\_\_. Estratégias de Caramujo. In: MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Machado de Assis afro-descendente** – escritos de caramujo [antologia]. Organização, ensaio e notas. Eduardo de Assis Duarte. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Pallas/ Crisálida, 2009.

\_\_\_\_\_. **Literatura e Afrodescendência**. Portal Literafro. Belo Horizonte UFMG, 2004. Disponível em: ><http://www.letras.ufmg.br/literafro><. Acesso em: 25 de agosto 2019.

\_\_\_\_\_. **O Bildungsman afro-brasileiro de Conceição Evaristo**. Revista **Estudos Feministas**. Florianópolis, n.1, v.14, jan/abr. 2006. Disponível em: ><http://www.scielo.br/scielo.php?><. Acesso em 27 de agosto 2019.

\_\_\_\_\_. **Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade**. Scripta, Belo Horizonte, v.13.n, 25, p.63-78, 2º sem, 2009. Acesso em: 10 de abril 2017.

**Escritoras brasileiras do século XIX**. 2. ed.rev. Florianópolis/ Santa Cruz do Sul: Editora Mulheres/ EDUNISC, 2000.

EVARISTO, Conceição. **Mulheres negras experimentam novas conquistas**. Disponível em: ><http://www.bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/aladaa/evaris.rtf><. Acesso em: 27 de agosto 2019.

FERREIRA, Amanda Crispim. **Escrevivências, as lembranças afrofemininas como o um lugar da memória afro-brasileira: Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Geni Guimarães**. - 2013. Dissertação (mestrado), Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras.

FOCAULT, Michel. **O que é um autor?** Tradução de Antônio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. 3. Ed. São Paulo, SP: Veja,1997.

GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

\_\_\_\_\_. Canção peregrina. In: **Antologia indígena**. Mato Grosso: SEC; Inbrapi; Nearin, 2009, 27-28.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2005.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**. 9. ed. São Paulo: Ática,2007.

LOBO, Luíza. **Auto-retrato de uma pioneira abolicionista**. In Crítica sem juízo. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

LOPES, Elisângela. **Denúncia e reflexão no Quarto de despejo**. Disponível em: ><http://www.letras.ufmg.br/literafro>>. Acesso em: 25 de agosto 2019.

MATOS, Cláudia Neiva. Textualidades indígenas no Brasil. In: FIGUEIREDO, Eurídice (org.) **Conceitos de literatura e cultura**. 2ª ed. Niterói: EdUFF; Juiz de Fora: EdUFJF, 2012.

MUNUNGA, Kabenguele; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Global, 2006. Coleção Para Entender.

NASCIMENTO, Gizêlda Melo. **Feitio de viver: memórias de descendentes de escravos**. 1. ed. Londrina: EdUEL, 2006.

OLIVEIRA, Ana Ximenes Gomes. **Fêmea- Matriz: A maternidade em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo**. 2015. Dissertação (mestrado), Universidade Federal da Paraíba. Faculdade de Letras.

PAZ, Octavio. **La casa de la presencia: poesia e história**. Obras completas edición del autor. 4ª reimpressão. Ciudad de México: Circulo de Lectores, Fondo de cultura Económica, 2003.

POTIGUARA, Eliane. Disponível em: <http://elianepotiguara.blogspot.com/>. Acesso em: 29 de agosto 2019.

**Rap da Carolina**. Composição escrita pela professora Denise do projeto AEL. Publicado em Academia Estudantil de Letras AEL, 22 DE NOV 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UJZgVGVe6tY>. Acesso em: 15 de agosto 2019.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. 4. ed. Organização, atualizada do texto e posfácio de Eduardo Assis Duarte. Florianópolis: Mulheres, Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria de Paula. (Org.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, Stefani Edvirgem da. **A saída-escrita de Conceição Evaristo: A literatura afro-brasileira como estratégia de sobrevivência e emancipação do negro**. Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, v.14 n. 2, jul/dez 2009, p. 339-353. Disponível em: <http://ww.cesumar.br/pesquisa/periodicos/index.php/revcesumar/article/download/1108/870> . Acesso em: 15 de agosto de 2019.

SOUZA, Florentina. **Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Ações formativas 72, 73, 76, 78, 79  
Alfabetização cartográfica 142, 143, 144, 153  
Anos iniciais do ensino fundamental 41, 142, 153  
Aprendizagem significativa 1, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 53

### B

Brincadeiras 1, 6, 9, 10, 12, 15, 204, 224

### C

Ciclo da água 222, 228, 231, 233  
Ciências naturais 222, 223, 227, 339, 345  
Circularidades 179, 189  
Crenças 60, 62, 63, 81, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 257, 259, 261, 347  
Crianças pequenas 4, 15, 222

### D

Docência 17, 26, 27, 29, 33, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 47, 49, 68, 88, 206, 234, 246, 247, 252, 257, 285, 304, 308, 313, 340, 341, 344, 348, 349, 394  
Docência e gestão 40, 42, 45, 47  
Docentes 17, 26, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 39, 41, 45, 47, 71, 72, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 82, 85, 87, 96, 99, 100, 102, 104, 107, 108, 111, 112, 113, 114, 129, 130, 132, 139, 140, 164, 165, 174, 197, 201, 202, 206, 214, 216, 217, 220, 245, 250, 251, 252, 256, 265, 267, 270, 285, 293, 296, 298, 302, 304, 305, 309, 310, 311, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 340, 341, 345, 350, 355, 382, 387, 388

### E

Educação infantil 1, 2, 3, 4, 6, 9, 11, 13, 14, 15, 16, 29, 40, 41, 42, 46, 204, 205, 209, 222, 223, 225, 226, 227, 228, 233, 234, 288  
Eja 155, 156, 157, 159, 160, 163, 171, 173, 174  
Ensino fundamental 17, 40, 41, 42, 67, 72, 75, 142, 144, 153, 159, 160, 161, 166, 170, 205, 206, 209, 219, 222, 234, 286, 288, 300, 321, 325, 343, 344, 378  
Ensino híbrido 91, 92, 93, 94, 96, 98  
Escolas 3, 4, 6, 20, 23, 24, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 40, 41, 45, 46, 47, 51, 72, 73, 75, 77, 78, 79, 93, 159, 160, 163, 167, 171, 175, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 204, 206, 208, 209, 211, 212, 213, 217, 218, 219, 220, 221, 227, 228, 233, 245, 246, 247, 249, 250, 251, 255, 256, 260, 265, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 296, 298, 299, 300, 301, 303, 382, 384, 390, 394  
Espaço vivido 142, 143, 144

### F

Fenomenologia 1, 3, 5, 14, 16, 179, 192

Formação continuada 1, 4, 14, 27, 28, 30, 31, 32, 35, 36, 37, 38, 39, 42, 46, 47, 48, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 91, 92, 94, 95, 96, 143, 212, 216, 217, 220, 255, 256, 257, 267, 268, 291, 296, 297, 302, 304, 308, 309, 345, 349, 388, 390, 393, 396

Formação de professores 31, 33, 38, 39, 41, 43, 46, 49, 50, 61, 62, 63, 64, 71, 73, 74, 75, 79, 80, 81, 84, 85, 89, 130, 195, 197, 205, 217, 219, 221, 245, 256, 262, 267, 268, 297, 298, 303, 322, 339, 350, 383, 385, 387, 388, 394

Formação docente 27, 28, 29, 32, 33, 39, 46, 48, 50, 71, 91, 98, 130, 218, 248, 252, 255, 258, 262, 263, 267, 269, 299, 305, 350, 382, 388, 393

Formação inicial de professores 59, 60, 61, 70, 71, 129, 130, 132, 245

Formación inicial docente 115, 127

Fracasso escolar 155, 157, 160, 161, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 265

Fronteira latina 81, 86

## G

Gephemopo 194, 195

Grupos étnicos 236, 327, 328

## I

Identidade docente 59, 60, 61, 64, 67, 68, 69, 70, 132, 138, 139, 339, 340, 341, 350

Identidade étnica 236

## J

Jovem em conflito com a lei 155, 156, 157, 158, 159, 163, 165, 166, 167, 168, 169, 171, 172, 173, 175

## L

Leitura 13, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 38, 41, 42, 54, 94, 97, 143, 144, 146, 149, 176, 182, 208, 245, 247, 249, 250, 251, 252, 262, 287, 323, 329, 332, 336, 349

Linguagem 7, 10, 12, 15, 19, 21, 24, 64, 86, 90, 95, 134, 142, 143, 144, 149, 161, 187, 199, 224, 234, 246, 283, 332, 345

Língua inglesa 81, 84, 85, 86, 87, 88, 89

## M

Memoriais de formação 59, 61, 63, 65

Mesa reflexiva triádica 115, 118, 124, 125

Metodologias ativas 52, 58, 91, 92, 94, 96, 97, 98

Mulheres indígenas 235, 236, 334, 335

## N

Narrativas e escritas de si 59, 61, 64, 65, 66, 69, 70

## O

Ouro Preto do Oeste/RO 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201

## P

Pedagogo 40, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 387, 389  
Percepção 1, 3, 4, 5, 7, 9, 11, 12, 13, 14, 16, 50, 143, 144, 183, 188, 192, 197, 215, 257, 276, 295, 304, 313, 329, 333, 334, 335, 345, 348, 394  
Políticas educacionais 26, 27, 73, 155, 157, 164, 168, 170, 173, 176, 206, 207, 211, 214, 219, 220, 249, 255, 286, 290, 293, 301, 302  
Prática pedagógica 115, 119, 120, 122, 126  
Produção textual 19, 25, 245, 247, 248, 251, 332  
Professores 1, 2, 3, 4, 5, 6, 9, 13, 14, 17, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 48, 49, 50, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 129, 130, 132, 136, 137, 139, 161, 162, 165, 172, 174, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 225, 236, 245, 246, 247, 249, 250, 252, 253, 255, 256, 257, 258, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 270, 273, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 285, 286, 287, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 302, 303, 308, 309, 319, 322, 339, 340, 341, 343, 344, 346, 347, 348, 349, 350, 378, 382, 383, 384, 385, 386, 387, 388, 390, 391, 392, 393, 394, 396  
Programa mais educação 206, 207, 208, 209, 210, 212, 214, 218, 219, 221, 285, 286, 287, 289, 291, 293, 294, 300, 301, 303

## R

Reflexión 115, 116, 120, 125, 126, 127

## S

Saberes 6, 9, 32, 33, 34, 39, 49, 60, 74, 76, 78, 137, 138, 142, 144, 153, 176, 179, 181, 182, 183, 186, 187, 188, 189, 209, 213, 216, 217, 218, 246, 251, 252, 253, 257, 258, 265, 271, 272, 273, 275, 276, 278, 281, 283, 288, 292, 293, 296, 297, 298, 299, 322, 324, 336, 341, 346, 350, 385, 389

## T

Trabalho 2, 6, 20, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 51, 52, 53, 54, 55, 57, 60, 61, 65, 69, 71, 74, 75, 77, 78, 87, 89, 92, 95, 129, 130, 131, 133, 134, 135, 139, 142, 143, 144, 152, 153, 156, 157, 158, 162, 164, 165, 175, 179, 181, 196, 201, 202, 204, 206, 207, 208, 212, 213, 214, 216, 217, 218, 219, 220, 222, 223, 225, 227, 228, 230, 233, 236, 248, 250, 251, 252, 253, 257, 258, 264, 265, 268, 270, 272, 275, 276, 281, 285, 286, 287, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 299, 301, 302, 304, 305, 306, 308, 309, 310, 312, 313, 318, 319, 320, 321, 322, 325, 330, 339, 340, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 378, 382, 383, 385, 386, 388, 389, 390, 391, 394  
Trabalho docente 27, 28, 31, 32, 33, 34, 36, 38, 39, 45, 75, 207, 219, 220, 236, 248, 265, 268, 286, 301, 302, 312, 320, 321, 349, 382

## U

Uneuro 193, 194, 195, 196, 197, 198, 201  
Universidade intercultural 236

 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**